

A MUDANÇA SEMÂNTICA DO VERBO *PEGAR* FRENTE À CONEXÃO DE CLÁUSULAS

Natália Sathler SIGILIANO¹

RESUMO: O verbo *pegar* pode funcionar, no Português do Brasil, como verbo pleno, como introdutor de discurso reportado ou de verbos de ação e, ainda, como marcador de aspecto inceptivo e/ou iterativo. Embora possua tantas funções distintas e apresente as mais diversas acepções, todas essas construções apresentam a noção subjacente de movimento. Tal noção está presente, inclusive, naqueles *pegar* introdutores de discurso reportado ou de verbo de ação. Apesar de apresentarem características comuns, tais como o alçamento de sujeito e a noção de movimento subjacente, o grau de gramaticalização da construção aspectual aponta para uma maior compressão entre as orações (cf. LEHMANN, 1988) quando comparado ao das outras construções com *pegar*. O presente trabalho buscará, tendo em vista a proposta funcionalista para o estudo da linguagem e através da análise de usos reais, realizar a comparação das construções com o *pegar*, desde as acepções mais lexicalizadas do verbo até as mais gramaticais.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo; Pegar; Conexão de Cláusulas; Aspecto.

Introdução

As construções com o verbo *pegar* têm sido muito utilizadas no Português do Brasil, seja na modalidade escrita ou falada de tal língua. Independente da modalidade, nota-se que o verbo admite sentidos variados nos mais diferentes contextos. Sigiliano (2008) defende que esses distintos sentidos são instanciações de uma mesma estrutura conceptual que perpassa a mente dos falantes, o que caracterizaria o caráter polissêmico da construção². Essa polissemia é associada às categorias de *movimento* e *contêiner*, as quais se mostram presentes seja em contextos mais concretos ou mais abstratos.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras. Endereço para correspondência: Rua Senador Salgado Filho, 510/501 - Bom Pastor - Juiz de Fora/MG. CEP: 36021-660. Endereço Eletrônico: nataliasigiliano@yahoo.com.br

² Considera-se "construção", neste texto, na acepção de Goldberg (1995:4): "C é uma construção sse C é um par foma-sentido <Fi, Si> de tal forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não é

As construções com o verbo *pegar* podem se realizar, basicamente, de três maneiras, o que gera três tipos distintos de construções, quais sejam: (1) as construções com o *pegar lexical*; (2) as construções com o *pegar discursivo*; e (3) as construções com o *pegar aspectual*. As configurações sintáticas e semânticas dessas construções serão especificados durante este artigo. Nele, o foco do trabalho será nas construções com *pegar no discurso* e com *pegar aspectual*, as quais são correlacionadas ao tema da conexão de cláusulas.

Visa-se a estabelecer, assim, uma comparação entre as construções com o *pegar*, a partir de dados coletados de *corpora* de fala e escrita³. Para tanto, utilizam-se propostas teóricas relacionadas aos conceitos de parataxe e subordinação (HOPPER & TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 1988), à gramaticalização (KUTEVA, 2001; HEINE, 1993) e às categorias de movimento e contêiner (LAKOFF, 1987, JOHNSON, 1987 e LAKOFF & JOHNSON, 2002) para mostrar as relações entre as construções lexicais, discursivas ou aspectuais com *pegar*.

As construções do *pegar lexical*

As construções de *pegar lexical* são instanciações da Construção Transitiva do Português, a qual se caracteriza formalmente pelo esquema SN V SN, no qual o primeiro SN codifica um sujeito prototipicamente agente – e em casos mais raros

estritamente preditível a partir das partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas”.

³ Para a pesquisa dos dados de fala, foram utilizados os corpora Português Falado na região de Juiz de Fora e arredores: constituição de um banco de dados anotado, coordenado pela professora Dr^a Nilza Barrozo Dias, o Corpus de Audiências do Procon/JF, coordenado pelas professoras Dr^a Sônia Bittencourt e Nilza Dias e o Corpus Conceição de Ibitipoca, organizado pela professora Dr^a Terezinha Campos de Resende. Quanto aos dados de escrita, foram pesquisados textos da internet - *blogs* e depoimentos - e de jornais de grande circulação na região da Zona da Mata Mineira. Agradeço às professoras pelos corpora que foram gentilmente cedidos.

experienciador –, V um verbo de ação (cf. HALLIDAY, 1994), e o segundo SN um objeto afetado, paciente.

Apesar de ser relativamente regular no que tange à estruturação sintática, essa construção é fruto também de diversas diferenciações semânticas, observáveis a partir dos exemplos (1) e (2), as quais podem ser atribuídas à contribuição do verbo *pegar*, polissêmico, ao esquema de significado da Construção Transitiva⁴.

(1) Aí eu fui lá, **peguei** o material nosso. aí depois ele quis negociar o valor de novo, ele alegou que não tinha o dinheiro e tal aí que até fez um acordo do outro valor. (Procon/JF AG)

(2) O povo que tava dentro do jipe diz que deitava no jipe, uns tamparo a rezá, otros tamparo a chorá, e ela em cima memo, quaisi qu'ela **pega** o carro (risos). (Corpus Conceição de Ibitipoca - MN)

Em (1), tem-se a apresentação de *pegar* com sujeito desinencial de primeira pessoa, seguido de um objeto direto *o material nosso*. Nesse caso, o verbo se encontra em sua acepção mais comum, com o sentido de *segurar, tomar para si* o material. No dado (2), o verbo seleciona para a posição de sujeito o pronome *ela* e para a posição de objeto *o carro*. Nele percebe-se que *pegar* assume o sentido de *atropelar*. Observe-se que os dados inseridos contêm exemplos de um mesmo agrupamento de *pegar*, o *pegar lexical*, que, apesar de revelar a representação de sujeito e objetos preenchidos, demonstram instanciações, acepções bem diferentes do verbo.

Para se perceber tais diferenciações em números, note-se que foram analisadas 159 ocorrências de *pegar lexical* em dados de fala e escrita, e delas, vinte e uma acepções distintas do verbo foram demarcadas. Isso demonstra a produtividade e a relevância de *pegar* que se faz presente em diversos contextos semânticos e situações de fala.

⁴ Acerca da relação existente entre significado verbal e significado construcional, vide Goldberg (1995, 2006).

Essas acepções distintas não fazem com que o verbo se afaste de um fio condutor comum, típico da polissemia. Para entendê-la, é preciso considerar que segundo Johnson (1987), Lakoff (1987) e Lakoff & Johnson (2002), as categorias mentais e lingüísticas não são categorias abstratas, desencarnadas ou independentes dos seres humanos. Essas categorias são criadas com base em nossas experiências concretas, tendo como limites os nossos corpos. Sendo assim, os seres humanos conceptualizam um gigantesco número de atividades em termos de contêineres. Lakoff (1987) define que o esquema do contêiner é criado para demonstrar as relações ligadas a uma fronteira que distingue interior de exterior. Essa idéia de uma categoria que delimita distinções de DENTRO-FORA seria baseada em nossa experiência concreta, em que nossos corpos funcionam como contêineres que têm a capacidade de inserir ou expelir algo de ou para dentro do mesmo.

Além dessa categoria, outro esquema básico para a nossa análise é o do *movimento*. Como se sabe, movimentar-se é uma ação comum ao homem. Através dessa ação, criam-se imagens conceituais que são refletidas lingüisticamente. Tal esquema foi tratado por diversos estudiosos, entre quais se pode citar Lakoff (1987), Johnson (1987), Taylor (1989), Stefanowitsch (1999) e Talmy (2000). Além disso, Traugott & Dasher (2005) tratam da noção de movimento como um domínio conceptual que auxilia na explicação dos processos de mudança semântica e gramaticalização. Heine (1993) vê o movimento como um processo básico da experiência humana, o que demonstra a importância desse processo para a interface com os estudos lingüísticos e, em especial, para os estudos com o verbo *pegar*.

As categorias de movimento e contêiner se ligam ao *pegar lexical* na medida em que "quem pega algo, movimenta o objeto para perto de seu corpo, que é considerado um contêiner". Com base nessa afirmação, em Sigiliano (2008) foram propostos seis

esquemas envolvendo movimento do agente e do paciente para um contêiner que pode ser esse mesmo agente, o paciente ou mesmo um contêiner determinado pelo falante. Como se poderá observar, essas noções de movimento e contêiner perpassam as outras construções, não estando restrita ao *pegar lexical*.

As construções de *pegar no discurso*

As construções de *pegar no discurso* são compostas de dois verbos de ordenação fixa, V1 e V2, em que V1 é o verbo *pegar* e a posição de V2 pode ser ocupada por um verbo de ação ou *dicendi* (nomenclatura cf. Halliday, 1994, p.108). Esses distintos tipos de construção podem ser observados no quadro 1:

Quadro 1: Subtipos de construções com *pegar no discurso*

Dois tipos de construção formadas por: verbo <i>pegar</i> + verbos <i>dicendi</i> verbo <i>pegar</i> + verbos de ação

Embora sejam construções com V2 de propriedades diferentes, elas matêm outras regularidades entre si. Para entender essa afirmação, leia os dois dados de fala abaixo:

(4) A sala dela deu um problema técnico, de execução , não tinha no projeto da menina os tubos passando, depois passaram a ter, entendeu. então foi sugerido em função do que ocorreu um detalhe, por vários detalhes a gente sugeriu e deixou eles decidirem, um dia o esposo dela **pegou e falou** as- eu quero parar o serviço. ele também não falou eu quero parar definitivo, de repente falou quero parar pra poder ver o que podia ser feito (Corpus Procon/JF - AG)

(5) É, tanto í lá e num dianta nada, eu fui lá pedi...pelo menos os passe de Lima Duarte pra lá...eles prometeu, que se num mandasse os passe, num desse os passe pr'ela e acompanhante mandava a ambulância levá...chegô lá no dia que ela foi, chegô lá, lá ele **pegô... deu** desculpa

com a ambulância tinha outras pessoa mais ruim pra levá, que a ambulância num podia levá ela, e...(quis í) teve que í pagano tamém. (Corpus Conceição de Ibitipoca).

Note-se que tanto as construções do *pegar no discurso* representadas em (4) - com o verbo *dicendi* - quanto àquelas em (5) - com verbo de ação - compartilham o mesmo sujeito e as mesmas desinências modo-temporais. Repare-se que a construção em (4) contém uma conjunção *e* entre V1 e V2, a qual pode ou não estar presente em todas as construções de *pegar no discurso*. Além disso, tais construções caracterizam-se pelo fato de o sujeito preceder V1 na maior parte dos casos, podendo haver, porém, repetição de sujeito antes de V1 e antes de V2.

Esse tipo de construção, juntamente com outras que compartilham as mesmas características, mas que têm a posição de V1 ocupadas por *chegar e ir*, foram estudadas por Rodrigues (2004, 2006). Elas são chamadas, pela autora, de CFFs (Construções do tipo Foi e Fez), as quais são caracterizadas por serem construções formadas por V1 e V2 flexionados no mesmo modo/tempo verbal, em que há compartilhamento de sujeito e em que, na posição de V1, podem figurar verbos como *pegar, ir e chegar*. Nesse trabalho é dado, dessa maneira, foco à análise sintática das construções com os três verbos abordados. Em trabalho recente, desenvolvido em Sigiliano (2008), o foco de estudo concentra-se apenas no primeiro tipo de construção (as construções com *pegar*). Nele, houve ênfase no aspecto semântico dessas construções, a fim de comprovar o caráter polissêmico delas. Entretanto, apesar de tais análises serem distintas, precebe-se sua complementariedade, como se poderá notar mais adiante.

Rodrigues (2004) assume que as construções formadas a partir da conjunção do verbo *pegar* com um segundo verbo representam um tipo [- prototípico] de construção em relação àqueles tipos de construções até agora analisados.

A fim de revelar tais noções, Rodrigues se debruça no estudo das relações de coordenação e subordinação. Em Rodrigues (2006, p.113), a autora destaca que:

Croft (2001, p. 321) defende que, na coordenação, especificamente naquelas interligadas pela conjunção E, as cláusulas são sintaticamente equivalentes: ambas são finitas, ou seja, podem funcionar como cláusulas funcionais simples. As CFFs exibem uma configuração idêntica às cláusulas coordenadas. V1 e V2 sempre partilham a mesma flexão e podem ser ligados por E ou podem apenas se justapor. Além disso, as cláusulas coordenadas têm sujeito correferencial e apresentam uma tendência em não explicitar sujeito na segunda cláusula, o que ocorre na maior parte dos casos de CFFs.

Rodrigues, ao analisar a natureza sintática da construção, retomando Hopper (2002), defende que, nas construções chamadas por nós de *pegar discursivo* há uma configuração sintática própria da coordenação, embora semanticamente haja uma integração mais forte, o que torna essa construção mais próxima da subordinação. Tal configuração é característica das *hendiadys* do inglês, como se poderá ver nas características listadas na tabela 1, com base nas propriedades apresentadas por Rodrigues (2004, 2006) sobre as coordenadas (cf. Hopper 2002 apud Rodrigues 2006):

Tabela 1: Características da coordenação x pegar no discurso

	Na coordenação	Nas construções de <i>Pegar no Discurso</i>
1.	Duas ou mais cláusulas representam diferentes asserções;	V1 e V2 não representam dois eventos diferentes.
2.	O sujeito pode ou não ser compartilhado;	V1 e V2 sempre compartilham o sujeito.
3.	Verbos das coordenadas não precisam compartilhar mesma flexão;	V1 e V2 sempre compartilham a mesma flexão modo-temporal.
4.	Os verbos podem ser negados separadamente ou não;	o advérbio de negação costuma preceder o V2 e ter escopo somente sobre ele.
5.	Há um grau de liberdade sintática;	a ordem é fixa.

Por meio dessa e outras observações, Rodrigues (2004) classifica as construções com *pegar no discurso* como *nos limites da coordenação*, uma vez que se percebe que, apesar de a estrutura sintática ser próxima à estrutura da coordenação, a relação entre os verbos dessa construção aponta para um grau maior de integração semântica, em que há dependência semântica entre V1 e V2, os quais representam, juntos, um mesmo evento (RODRIGUES, 2004, p. 37).

Essa dependência semântica pode ser observada, ainda, ao se explorar as categorias conceptuais envolvidas nessas construções, o que demonstra um grau de encaixamento maior entre V1 e V2. Como se pôde notar, o verbo *pegar* se liga a verbos de ação ou *dicendi* nas construções com *pegar no discurso*. Os verbos *pegar* associados ao discurso reportado (*pegar + dicendi*) funcionam como uma maneira de apontar para um movimento, que é o da troca de turno ou da aproximação do referente ao que é dito. Assim, como o *movimento entre contêineres* acarreta em uma *mudança de um contêiner para o outro*, nota-se que, apesar de abstrata, a noção que comprova a polissemia do verbo ainda se faz presente nessa construção. O que é mudado, movimentado, nesse caso é o discurso, o qual é transferido a um outro referente. Quando se diz "*ela pegou e falou assim*"⁵, o *pegar* é usado para marcar que o turno de fala é movimentado, transferido a um outro falante (contêiner, referente) *ela*.

Já os *pegar* associados aos verbos de ação indicam a idéia de que, na narração em que tal *pegar* é inserido, o verbo é selecionado como forma de marcar a noção de quebra de expectativa, de mudança situacional. Em ambos os casos, os falantes ou referentes figuram como uma noção abstrata de contêiner e o evento codificado pelo verbo é movimentado. Mais interessante é notar que, nesse tipo de construção de *pegar + verbos de ação*, encontra-se um sentido que se mostra comum às outras construções: a noção de movimento entre contêineres (caracterizada pela metáfora "movimento entre contêineres é mudança"). Essa noção de movimento também é comum nos verbos de ação, especialmente aqueles que foram encontrados nos dados por nós analisados, o que indica um grau de compressão semântica maior entre os verbos dessa construção, uma vez que neles perpassa uma mesma noção de movimento entre contêineres. Dentre esse verbos de ação, encontra-se nos dados "entrar, mostrar, dar, vender, engolir, ganhar e

⁵ Exemplo inventado a critério explicativo.

pôr”. Todos eles pressupõem uma idéia de movimento para contêiner, seja ele mais ou menos abstrato, em que há apenas uma noção de posse que pode ser ligada à idéia de contêiner. Um exemplo disso é o verbo “entrar”, por exemplo, que traz a idéia de que “quem entra, entra em algum lugar”, indicando o movimento de um ser em direção a um contêiner, um lugar, determinado.

Nota-se, com isso, que, apesar de abstrata, a noção de movimento é presente, causando certa proximidade entre o referente e a situação em foco através do verbo *pegar*. Além disso, percebe-se que os verbos os quais acompanham o *pegar* nessas construções marcam a noção de *movimento entre contêineres*, o que não se acredita ser um fato ocorrido ao acaso, mas sim uma evidência de que tais verbos da construção estão imbrincados, demonstrando um grau de encaixamento semântico mais forte.

As construções com *pegar* marcador aspectual

As construções com *pegar aspectual* são formadas a partir da junção de V1 Pegar e V2, posição ocupada por distintos verbos, em que *pegar* assume forma finita e V2 é caracterizado por sua forma não-finita. Nesse tipo de construção, que é também chamado tradicionalmente de locução verbal com *pegar*, há o compartilhamento de sujeito, o qual precede V1 sempre. Além disso, tal construção caracteriza-se por conter ordem fixa de V1 Pegar seguido de V2. Nela, é possível ou não haver a presença das preposições *a* e *para* entre V1 e V2. Essa combinação de fatores sintáticos, associada a critérios semânticos, faz com que *pegar* assuma a função de marcador aspectual no Português do Brasil.

Alguns verbos ou morfemas podem, em várias línguas do mundo, através de seu sentido, delinear ou modificar o contorno temporal de certa situação. Por isso, vários autores tentaram estabelecer valores que caracterizam a marcação aspectual nas línguas

particulares, porém perceberam que as indicações de marcação de aspecto estão freqüentemente em conflito.

Segundo Bybee (1985), a distinção mais comum encontrada nas línguas é entre perfectivo (visto como pontual, momentâneo) e imperfectivo (valores como durativo ou contínuo). Em segundo lugar, a distinção mais comum é entre habitual e contínuo, os quais são vistos como subdivisões do imperfectivo. A autora observa, ainda, que os sentidos expressos pelas construções com verbos auxiliares são mais comumente ligados à distinção habitual/contínuo que a distinção perfectivo/imperfectivo. Um dos tipos de marcação de aspecto é ligado à idéia de início da situação ou entrada em um estado. São termos que denominam essa idéia (cf. Bybee 1985, p.147) o incoativo, ingressivo e inceptivo. Outra afirmação interessante da autora diz respeito à observação de que, algumas vezes, a fonte de um inceptivo é um verbo de movimento, o que confirma as hipóteses sobre a polissemia da construção com *pegar* de Sigiliano (2008). Tal observação se faz válida, uma vez que o *pegar* pode funcionar como marcador aspectual inceptivo.

Tem-se, ainda, que os verbos aspectuais formam-se por meio de perífrases e podem indicar, de acordo com Neves, (2000, p.63):

- a) início do evento (aspecto inceptivo)
- b) Desenvolvimento do evento (Aspecto cursivo)
- c) Término ou cessação do evento (Aspecto terminativo)
- d) Resultado do evento (aspecto resultativo)
- e) Repetição do evento (...)

Nos dados de fala, encontra-se V1, *pegar*, marcadores de aspecto na nossa língua. Inclusive, em conversas informais ou em dados de escrita informais, nota-se ser comum o uso desses *pegar* aspectuais. É importante, contudo, perceber que eles não fazem parte daquilo que vem a ser comparado com as CFFs de Rodrigues (2006), já que formam construções que têm características diferentes e funções distintas na língua. Enquanto aqueles que aqui são chamados de *pegar no discurso* têm V1 e V2 flexionados no

mesmo tempo verbal, aqueles marcadores de aspecto têm V1 (*pegar*) flexionado e V2 no infinitivo. Observe dois exemplos de construções aspectuais:

(6) Ah...custô pra melhorá o calombo dele, aí eu **peguei passá** é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu. (Corpus Conceição de Ibitipoca – MN)

(7) Em dada hora, em meio à roda enfumaçada pelo famoso fumo solto da Bahia, a moçada começou a comparar regionalidades, puxando sardinha pra brasa do seu bairro, quando a moçada **pegou** a falar mal de Sampa, dizendo que nunca moraria por aqui por causa da loucura da cidade e por aí vai. (Disponível em: http://simio.blogger.com.br/2004_01_01_archive.html - acesso em 02/11/2007)

Neves (2000), para apresentar a marcação de aspecto no português, usa diversos verbos aspectuais para demonstrar qual tipo de aspecto está associado a cada um deles. Considerando as postulações de Travaglia (1985) sobre as noções aspectuais, entende-se que a marcação de uma noção inceptiva ocorre quando há demarcação de início de evento e a noção iterativa ocorre se houver noção de repetição do evento revelada pelo verbo marcador de aspecto. Nos exemplos (6) e (7), a marcação de aspecto iterativo, por meio do verbo *pegar*, pode ser observada, devido ao fato de o falante anunciar que *usava todo dia* o óleo de Nossa Senhora da Aparecida. Além disso, quando se *pega passar* ou se *pega falar* algo, o falante pressupõe a noção de que o *pegar* não marca apenas o aspecto inceptivo, de início da ação de falar ou passar, mas também se pode notar que essa marcação temporal é estendida, uma vez que se fala durante algum tempo e se passa o óleo durante algum tempo.

Ainda a respeito da construção aspectual com *pegar*, pode-se discutir o fato de elas serem ou não chamadas de construções auxiliares do português do Brasil.

Cintra & Cunha (2001:394) apresentam que, nas locuções verbais, conjuga-se apenas o auxiliar, afinal o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no

particípio, no gerúndio ou no infinitivo impessoal. Os autores destacam serem os verbos de uso mais freqüente na função de auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Propõem, ainda, que outros verbos podem funcionar como auxiliares, como *ir*, *vir*, *andar*, *ficar* etc. Apesar de diversos autores apresentarem distintas listas de verbos que representam os auxiliares no Português do Brasil, *todos convergem nas idéias de que os auxiliares em português recebem flexão de tempo, modo e pessoa e se ligam ao verbo principal (de forma nominal), formando uma locução verbal*. São propostos, assim, vários critérios a fim de indentificar quais são os verbos auxiliares no português. Dentre eles, pode-se citar Castilho (2002:91-94), o qual observa que:

- i. os verbos auxiliar e principal compartilham o mesmo sujeito;
- ii. Se a negação toma por escopo dois verbos, o primeiro é um auxiliar e o conjunto pode ser considerado uma perífrase;
- iii. Há alterações no sentido lexical do primeiro verbo.

Todos os três pontos levantados por Castilho podem ser demonstrados através de um tipo de construção por nós observada e encontrada que se designa *pegar aspectual*. É bastante prezado, nos estudos de auxiliaridade no português, o que diz respeito à marcação de aspecto desse verbo. Em nosso corpora e também em dados não registrados de conversas informais atesta-se a existência de construções com *pegar aspectuais* que marcam aspecto inceptivo e iterativo. Em 195 dados de fala pesquisados, encontram-se apenas 3 ocorrências de *pegar aspectual*. Uma maior ocorrência de tais dados se deu na escrita informal, o que pôde ser atestado por meio de pesquisas de textos e de *blogs* em *sites* da internet. Como, comparativamente às outras construções, a denominada de *pegar aspectual* ainda é menos ocorrente nos dados, supõe-se que o *pegar* ainda se encontra em processo de mudança com tendência à auxialirização, afinal, apesar de parecer pouco produtiva, compartilha todas as características aqui apresentadas com as construções auxiliares.

Noonan (2007) e Givón (2001), ao analisarem as relações de complementação, consideram como um tipo de complementação aquele em que o verbo principal é marcador aspectual ou fasal (cf. Noonan, 2007). A respeito dessas construções, Noonan (2007:140) declara ser necessário os predicadores referirem-se a uma fase de uma ação ou estado, seja de início, continuação ou término. Além disso, os complementos dos predicados fasais possuem tempo de referência determinado e são associados a complementos reduzidos (caso do infinitivo, o qual ocorre com o verbo *pegar aspectual*). Givón (2001:55), ao classificar os verbos marcadores de modalidade em seu estudo sobre complementação, propõe que esse tipo de construção tem características semânticas, dentre as quais citam-se as mais relevantes: (a) o verbo da oração principal veicula noção aspectual ou modal; (b) o sujeito da cláusula principal é correferencial ao da cláusula complemento. O mesmo autor defende que as propriedades sintáticas prototípicas desse tipo de verbo envolve características, tais quais: (a) o sujeito da oração principal é também sujeito da oração complemento; (b) o sujeito da cláusula complemento codificado como zero; (c) a cláusula complemento é normalmente não-finita ou nominalizada, entre outras características. Todas essas propriedades aqui listadas são compartilhadas pelas construções as quais intitulamos de *aspectual*. Isso demonstra que alguns autores consideram como cláusulas-complemento aquele complemento verbal que vem após os aspectuais. Essas construções demonstram alto grau de compressão entre V1 e V2, o que pode ser observado pelas características sintáticas e semânticas que comprovam o alto grau de encaixamento entre V1 e V2.

Com relação ao caráter polissêmico da construção, a noção de movimento pode ser a indicadora da marcação inceptiva presente no verbo. Isso porque, se se considera a clássica metáfora de que "tempo é espaço" (cf. Lakoff & Johnson, 2002), a qual, por sua vez, implica outra, qual seja a de que "deslocamento pelo espaço é deslocamento no

eixo do tempo", nota-se que a noção de movimento intrínseca ao sentido do verbo *pegar* torna possível sua especialização como marcador aspectual inceptivo uma vez que, através dela, marca-se o início do deslocamento no tempo, metaforizado como espaço.

O Desenvolvimento dos Verbos *Pegar* Lexicais, Discursivos e Aspectuais

Lehmann (1988) propõe um percurso para a gramaticalização do verbo principal:

Quadro 2: Gramaticalização do Verbo Principal

Predicado independente	←-----	→	operador gramatical
Verbo lexical	evidencial	modal	auxiliar
			afixo derivacional gramatical

(Lehmann, 1988, p.204)

Através dele, podem-se analisar as diversas esferas de *pegar*, que passa de uma construção mais lexical a uma mais aspectual. Entretanto, no meio desse caminho de gramaticalização e/ou desenvolvimento das construções com *pegar*, defende-se haver a construção de *pegar no discurso*.

Para se pensar na conexão de cláusulas associada a todas essas teorias e construções aqui propostas, é necessário que se considere a proposta de que:

Quadro 3: Proposta de gramaticalização do verbo *pegar*

Verbos Lexicais > Verbos Discursivos > Verbos Aspectuais

Kuteva (2001) apresenta que os auxiliares se desenvolvem a partir de fontes lexicais, o que teria origem em um processo de gramaticalização. Heine (1993) defende que "o desenvolvimento de auxiliares envolve construções inteiras e não somente uma palavra", o que se nota estar ocorrendo com as construções com *pegar*. O que era um verbo pleno (*pegar lexical*) seguido por um objeto (complemento nominal) na

construção lexical, passa a assumir marcação gramatical seguida de um verbo principal na estrutura auxiliar resultante (*pegar aspectual*). Dessa maneira, nota-se que o desenvolvimento de auxiliares abarca uma mudança em que uma construção Verbo-Nominal passa a figurar em uma construção Marcadora Gramatical seguida de um verbo principal (KUTEVA, 2001). Essa seria a representação dos dois extremos da mudança das construções com *pegar* propostas por nós.

Além de Kuteva, Heine (1993) também destaca aspectos relevantes para as mudanças sofridas pelos verbos lexicais ao se gramaticalizarem em auxiliares. Dois processos são citados pelo autor: a dessemantização e a decategorização. Assim, o processo em que um item lexical esvazia-se semanticamente e adquire função gramatical é denominado dessemantização (cf. HEINE, 1993, p.54). Já a decategorização se baseia em algumas propriedades "perdidas" pelo verbo com a mudança de estatuto do mesmo. Dentre elas, pode-se citar o fato de (a) o complemento verbal deixar de ser um nome e consistir na presença de um verbo não-finito; (b) o verbo perder propriedades como poder ocorrer na forma imperativa; (c) o verbo adquirir posição fixa na cláusula e não poder ser mais negado separadamente; (d) o complemento do verbo adquire morfossintaxe de verbo principal. Todos esses aspectos ocorrem e caracterizam as construções de *pegar aspectual*. Apesar de essa construção ser constituída, inicialmente, de dois verbos, um não finito e outro finito, ambos figuram como um só, sendo chamados, em nossa língua, de locução ou perífrase verbal (cf. NEVES, 2000, p.66). Ocorre que, como pôde ser observado acima, essa construção advém daquela chamada de *pegar no discurso*, a qual às vezes se assemelha às mais lexicais, embora já contenha características semelhantes àquelas com *pegar aspectual*, como a presença de V1 e V2 conceptualizando um mesmo evento e compartilhando sujeito.

Heine e Kuteva dão ênfase às características sintáticas dessa mudança, citando apenas a perda de sentido semântico das construções auxiliares e a contribuição de marcação aspectual adquirida por ela. Todas essas explicações feitas por eles visam a demonstrar que os verbos auxiliares têm origem em um processo de gramaticalização de uma construção mais lexical.

Hopper e Traugott (1993:171) propõem um esquema para a combinação de cláusulas, o que caracterizaria a parataxe como as cláusulas com maior grau de independência, a hipotaxe com relativa interdependência e a subordinação representando maior dependência entre cláusulas:

Quadro 3: *Cline* de combinação de cláusulas

Parataxe -----	Hipotaxe -----	Subordinação
(independência)	(interdependência)	(dependência)
núcleo -----		margem
integração mínima -----		integração máxima
máxima ligação explícita -----		mínima ligação explícita

O *continuum* de gramaticalização proposto por nós acarretaria também na diferenciação semântica. No caso em estudo, nas construções com *pegar no discurso e pegar aspectual*, podem-se atribuir as diferenciações semânticas também devido à maneira como as cláusulas estão conectadas, o que poderá ser observado abaixo, levando-se em conta os estágios de mudança propostos por nós, de que os Verbos Lexicais passam a Verbos Discursivos e, depois, a Verbos Aspectuais. Observem-se as diferenças entre essas construções, as quais serão inseridas na ordenação de mudança a qual defende-se ocorrer.

Estágio 1: Pegar Lexical

(8) Eles ainda iam pegar olha só, eles ainda **pegaram** o projeto. (Corpus Procon/JF AG)

Estágio 2: Pegar Discursivo

(9) Trouxe (o contrato) pra ela direitinho, mostrei a:: a:: a página que se referia, **peguei** mostrei prá ela seria é: noventa dias o:: o prazo (Corpus Procon/JF Y)

Estágio 3: Pegar Aspectual

(10) Assim pensou em começar a fazer coisas para passar o tempo e se livrar da solidão.

Primeiro **pegou** a fazer colchas, tapetes e almofadas de retalhos.(Disponível em:

<http://www.revelacaoonline.uniube.br/2004/277/grandeamor.html> - Acesso em: 20/08/2008)

Analisando as três construções lado a lado, é possível notar que o *Pegar Lexical* se constitui em uma cláusula coordenada simples, independente das demais. Essa construção demonstra uma acepção mais concreta de *pegar*, em que o verbo seleciona um complemento concreto, *o projeto*. Já a construção de *Pegar Discursivo* representa, nesse caso específico, uma construção denominada por nós de híbrida, uma vez que o *pegar* pode selecionar o complemento anafórico *contrato*, para a posição de objeto. Além disso, como visto em outros exemplos de *Pegar Discursivo* neste artigo, pode apenas ser um V1 *Pegar* ligado ao V2 *mostrar*, os quais compartilham sujeito e complemento. Esse compartilhamento de complemento não ocorre, porém, na maior parte das construções com *pegar no discurso*, tal qual se pode notar no exemplo (11):

(11) Na realidade com com com o que eu tinha e com a virada foram setecentos e quarenta e quatro minutos, que eu perdi, eu fiz as contas, eu **peguei** eu falei vou, vou contar. (Procon/JF - AuO)

A construção de *pegar no discurso*, como o apresentado nesse artigo e revelado por Rodrigues (2004), caracteriza-se por ser uma *construção nos limites da coordenação*, uma vez que compartilha aspectos das coordenadas, demonstrando, também, um alto grau de encaixamento V1 e V2, o que pode ser observado na análise das características apresentadas no Quadro 3, de Hopper e Traugott (1993). Além disso, como se pôde notar na breve explicação sobre a polissemia verbal, os verbos dessa construção se ligam a outros (V2) que também contêm categorias intrínsecas de

movimento entre contêineres, o que caracteriza um maior grau de relacionamento semântico entre os verbos dessa construção.

Já o exemplo (10), em que se tem a apresentação de um *pegar aspectual*, percebe-se que o grau de gramaticalização já se faz tão presente que as cláusulas não mais podem ser caracterizadas como duas distintas (como no *pegar discursivo*, o qual se *aproxima a uma relação de dependência semântica entre V1 e V2*), mas sim como uma só, formando uma locução verbal ou marcando auxiliaridade no PB. Essa construção apresenta integração máxima entre V1 e V2, formando uma locução verbal ou mesmo uma construção que demonstra a complementação dos verbos fásais ou aspectuais (cf. Noonan, 2007 e Givón, 2001). O sujeito é o mesmo para V1 e V2 e a delimitação temporal de V2 é determinada pelo V1, o qual indica aspecto inceptivo. Outra característica se baseia no fato de que as construções com *pegar aspectual* podem ou não conter uma preposição *a* ou *para* entre V1 e V2, o que não ocorre na maior parte dos dados, demarcando o alto grau de compressão da construção.

Conclusão

O presente artigo revelou que, embora existam diversos tipos de construção com o verbo *pegar*, elas parecem advir de uma mesma construção: o *pegar lexical*, caracterizado pela formação de Sujeito - Verbo Pegar - Complemento. Seguida dessa construção, tem-se aquela formada por V1 e V2, em que ambos os verbos (V1 Pegar e V2 Verbo Dicendi ou de ação) compartilham desinências modo-temporais e número-pessoais, além de dividirem conterem aspectos semânticos semelhantes relevantes para demonstrar um forte encaixamento entre esses verbos. Esse tipo de construção, apesar

de conter características típicas da coordenação, se mostra semanticamente e formalmente com propriedades comuns a um grau maior de compressão de cláusulas. Com isso, pôde ser denominada por Rodrigues (2004) como *uma construção nos limites da coordenação*. Por último, foi apresentada a construção de *pegar aspectual*, que é formada por V1 Pegar em sua forma finita e V2, verbos em formas não-finitas. Nesse tipo de construção, o *pegar marcador aspectual* já está tão associado a outro verbo e já se revela tão gramaticalizada que pode ser denominado, juntamente com V2, locução ou perífrase verbal.

Este trabalho desenvolveu apenas uma proposta inicial que relaciona a mudança semântica do *pegar*, sua gramaticalização e seu envolvimento com relação à combinação de orações. Análises mais aprofundadas a respeito do assunto são relevantes para demarcar em que medida as diferenciações sintáticas e semânticas estão atreladas a ponto de demarcarem mudanças de significação e de confirmarem a proposta de polissemia nas construções com *pegar* no Português do Brasil (cf. SIGILIANO, 2008).

Referências Bibliográficas

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Filadélfia, 1985.

CASTILHO, A. *Aspecto Verbal no Português Falado*. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. (orgs.) Gramática do Português Falado, vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp (p. 83-121).

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed.– Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. Volume II. Amsterdã: Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. 2ed., London: Edward Arnold, 1994 [1985].

HEINE, C. *Auxiliares - Cognitive force and grammaticalization*. Oxford University Press, 1993.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JOHNSON, M. *The Body in Mind: The Body Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KUTEVA, T. *Auxiliation. An enquiry into the nature of grammaticalization*. Oxford University Press: New York, 2001.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LEHMANN, C. *Towards a typology of clause linkage*. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (ed.). *Clause Combination in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

NEVES, M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOONAN, M. *Complementation*. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description - Volume II: Complex Constructions*. 2 ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.

RODRIGUES, A. "Eu peguei e saí": uma construção nos limites da coordenação. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p. 29-40, jan./dez.2004.

RODRIGUES, A. "Eu fui e fiz esta tese". *As construções do tipo foi e fez no português do Brasil*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2006.

SIGILIANO, N. *O telefone tocô eu peguei e:: quem tá falano - A polissemia do verbo pegar*. 2008. 133 fls. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1985.